

A Fundação do Leprosário de Cannafístula: enfim a salvação de todos?

Antonio Nelorracion Gonçalves Ferreira *

RESUMO

Este artigo analisa em breves palavras os primeiros momentos do funcionamento do Leprosário fundado em Cannafístula, em agosto de 1928, atual município de Redenção, no Ceará. Tentamos reconstituir as implicações simbólicas, antropológicas e sociais trazidas pela emergência de um espaço leprótico; como os medos e as fantasias que “assombravam” esse espaço.

Palavras-chave: História da saúde e da doença; Lepra; resistência.

RESUMÉ

Cet article analyse en peu de mots les premiers moments de fonctionnement de la Léproserie fondé en Cannafístula, en août de 1928, actuel ville de Redenção, au Ceará. Nous avons tenté reconstituer les implications symboliques, antropológicas et sociaux apporté par l'émergence d'un space pour lèpres ; comme les peurs et les fantaisies qui “étonnaient” ce space.

Mots-clé : Histoire de la santé et de la maladie ; Lèpre ; résistance.

1. A Inauguração

A 1º de agosto de 1928 foi inaugurado a espacialidade¹, que para muitos, seria o marco de um novo tempo, ou melhor, não necessariamente o não lugar – a utopia – mas um sonho heterotópico (FOUCAULT, 1994:755) ². O sonho da emergência, da conquista de um outro lugar. Um novo espaço povoado, antes mesmo de sua irrupção, por sonhos, fantasias, desejos, imagens e paixões.

E ante a magnitude de tamanho sonho social, foi que os diversos periódicos do Estado (O Nordeste, Gazeta de Notícias, Diário do Ceará) anunciaram com entusiasmo a inauguração do leprosário de Cannafístula. Na cerimônia de inauguração estavam presentes os maiores representantes da classe médica, do clero e da elite político-econômica do Ceará, como: o presidente do Estado, Matos Peixoto; o diretor da instrução pública, Salles Campos; os médicos, Octávio Lobo, Atualpa Lima e César Cals; O coronel Antônio Siqueira Diogo; o padre Monsenhor Tabosa; o diretor do Jornal O Povo, Demócrito Rocha; do Nordeste, Luiz

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista do CAPES.

¹ Essa emergência espacial foi o resultado de uma campanha promovida a partir do começo dos anos 1920 em favor dos leprosos por diversos setores da sociedade cearense, tendo a imprensa como um veículo fundamental, sobressaindo-se a caridade, capitaneada pela igreja católica; destacando-se ainda a ação de vários filantropos.

² Heterotopia é o espaço que tem a curiosa propriedade de estar em relacionamento com todos os outros espaços, mas sobre um modo tal que ele suspende, neutraliza ou inverte o conjunto de relacionamentos que se encontram, por ele designados, refletidos. Como o cemitério, que mantém ligações com o conjunto de todas as posições espaciais da cidade ou da sociedade em que cada família, cada indivíduo tem parentes nesses espaços.

Sucupira; o redator da Gazeta de Notícias, Perboyre e Silva; do Diário do Ceará, Virgínio Firmeza; do Correio do Ceará, Nery Camello e diversas famílias. Estes convidados foram transportados de trem da companhia R. V. C., chegando às terras da Cannafístula às 10h30min. Às 11h chegou uma numerosa comitiva, transportada de carro, às dependências do Leprosário Antônio Diogo³. Os alunos da escola de Cannafístula receberam o presidente do Estado e sua comitiva, empunhando flores e entoando o Hino nacional. Em seguida, os convidados passaram a visitar todas as dependências do leprosário, ficando todos com boas impressões. E finalmente, a sessão de inauguração foi aberta pelo reverendo monsenhor Tabosa⁴, que fez brevemente o histórico da campanha tecendo elogios aos seus maiores expoentes, especialmente a Antonio Diogo, seguida de uma oração; ainda falou em nome da comissão Pró-Leprosário, Moraes Correia⁵. E encerrando a cerimônia, o presidente do Estado fez um discurso que foi abafado pelo louvor de todos os presentes. Em um dos trechos de sua fala “disse o Dr. Matos Peixoto que, no Ceará, sempre triunfaram as iniciativas particulares criando a propósito, o Asilo de Mendicidade, declarando, por fim inaugurado o leprosário de Cannafístula” (CORREIO DO CEARÁ, 1928: 2). Os convidados regressaram a 1 hora, chegando a Fortaleza às 4h30min.

A organização e a estrutura arquitetônica do isolamento dos morféticos⁶ eram as seguintes:

[...] se compõe de 32 chalets, dispostos num retângulo, contendo cada chalet duas casas, conseqüentemente, para 12. Quer isso significar que todas as construções comportam e abrigam 384 lázaros. Para cada grupo de 4 chalets há uma sentina e um banheiro, atrás. A área central do retângulo formada pela disposição das casas possui 7 torneiras, que fornecem a água proveniente de um poço mandado construir a pequena distância. Ainda existe muito ao centro, um regular tanque, servido por uma torneira maior. Toda essa superfície entre quadrilátero das casas vai ser suficientemente arborizada, o quer julgamos de inadiável necessidade, a fim de o clima se tornar mais ameno naquele ponto isolado do Ceará. A grande casa da administração ergue-se na frente, em primeiro lugar, distante poucos metros das habitações dos morféticos. Consta de numerosos compartimentos, com um pátio central em cujo meio se levanta uma grande cruz. Existe na casa da administração, uma capela, onde os doentes poderão assistir officios religiosos (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1928: 1).

³ O leprosário fundado em Cannafístula recebeu o nome do maior benemérito da campanha em favor dos lázaros, Antonio Diogo. Dos 180 contos de réis arrecadados para a construção dessa espacialidade, estima-se que 110 foram doados por este filantropo.

⁴ Reverendo importante no combate a lepra no Ceará, promoveu assistência aos lázaros no momento do surgimento de espaços improvisados para os leprosos em Fortaleza, como no Morro do Croatá (espaço destinado a esses párias, onde recebiam alimentos e algum dinheiro para mitigar a sua dor).

⁵ Membro importante da comissão Pró-leprosário. Esta teve participação decisiva na captação de recursos doados em favor dos leprosos pela população do Estado do Ceará.

⁶ Morféticos, leprosos, lázaros eram as diversas categorias com as quais se denominavam o portador do bacilo de Hansen nesse período (hoje denominado de hanseniano e a doença de hanseníase), utilizamos tais categorias e não hanseníase e seus derivados, pois estas são demais anacrônicas para as nossas análises históricas.

Os elementos que agenciariam esse lugar tornando-o um espaço leprótico, além dos morféticos, seria José Amaro, o diretor do estabelecimento (velho companheiro de luta na causa dos leprosos); o Reverendo padre Joaquim Severiano de Vasconcelos, vigário de Messejana; Egídia, Iluminata e Madre Maria Assunção, as irmãs franciscanas, algumas a cargo da direção e outras da enfermaria da gafaria. Esse espaço – a Cannafístula praticada – oriundo do caráter artístico e astucioso dos homens na definição de fronteiras estabelecia-se, pelos mitos, crenças e fantasias num lugar longínquo. Assim como longínquo, deveria ser todas as cristalizações espaciais destinadas aos elementos componentes daquilo que se designava de o medo urbano.

Esse medo, oriundo, dentre outros fatores, do aumento da complexificação da urbe e, conseqüentemente de seu desconhecimento. A partir dele, buscou-se o exercício de um melhor controle social, através da demarcação de territórios que fossem bem visíveis para o estabelecimento do ordenamento e da paz social. Assim, os limiares das cidades, principalmente, na virada do século XIX para o XX, constituíam-se no destino mais provável de loucos, das meretrizes e dos mortos.

2. O leproso: uma ameaça constante

Nessa perspectiva, o que falar da figura do leproso? Esses sujeitos, que carregavam em si os germes infestantes da morte, (segundo os saberes da época) iriam “exilar-se” para além dos limiares da cidade, muito além, nas Terras da Cannafístula (atual Redenção), no quilômetro 81 da estrada de ferro de Baturité, distando temporalmente 2h45min da cidade de Fortaleza. O leprosário localizou-se no mesmo lugar em que se buscou exilar os órfãos flagelados da seca com a vontade de criação de uma Colônia Orfanológica, denominada Colônia Cristina, em 1879, pelo decreto nº. 1. 876. E tal local, também, fora planejado para indivíduos de mau comportamento, que deveriam ser destinados a uma Colônia Correccional Agrícola, decretada pela lei nº. 158 de 10 de setembro de 1894.

Assim passava a residir em Cannafístula, essa terra do exílio, o morfético. O trem partia das proximidades da Igreja dos Navegantes, em Fortaleza, (atualmente avenida leste-oeste) fazendo paradas em localidades próximas ao leprosário. Quanta dor; a visão, a sonoridade desse trem do exílio deve ter provocado em inúmeras famílias, anunciando com sua chegada e partida, a quebra, em muitos casos definitivos, de seus laços afetivos. Nesse momento, o leproso tornara-se uma vítima de sua própria partida, nessa caravana de Hansen.

No dia 9 de agosto de 1928, a caravana chegava a Cannafístula com um número de 44 leprosos, dos quais 35 eram oriundos de Fortaleza e os outros 9 de regiões diversas do Ceará.

Essa nova geografia – o leprosário – iria manter relacionamentos muito peculiares com todas as outras posições; ora invertendo-as, ora anulando-as. Os fantasmas, os medos e um estado de insegurança pairavam as fronteiras, as fendas e as fissuras desse isolamento. Nesse sentido, seria interessante analisar os efeitos simbólicos, imaginários, políticos e sociais da instalação dessa nova espacialidade.

O simbólico que pairava a lepra (símbolo do sofrimento e da morte), nos anos 1920, possibilitou diversos esquemas de ações engastadas nas relações sociais entre os homens, entre os seus discursos. Mobilizou diversas formas afetivas das ações humanas; propiciando, assim, a irrupção de emoções como: medo, raiva, violência e inquietação. Assim, não era de admirar-se que o espaço dos lázaros suscitasse determinados fantasmas, com custos sociais e existenciais bem precisos. Que sentido? Que custos uma vizinhança morféctica poderia trazer? O fragmento abaixo pode esclarecer algumas, dentre as inúmeras, formas das conseqüências de uma vizinhança tão indesejada.

Pessoa moradora em Cannafístula nos conta cenas incríveis praticadas pelos lázaros recolhidos ao Leprosário ali instalado. Dá-se o fato que os infelizes pegam as cabras pertencentes aos moradores da localidade e mamam nas próprias tetas dos animais, após o que esfregam as suas chagas nas tetas de que se não serviram, fazendo isso com verdadeira sofreguidão, como caprichando em por esse meio contagiar o seu horripilante mal. O informante, que vive da venda de leite de cabras, tem-se visto impossibilitado de ordenhar os seus animais, já receoso e repugnado, já porque a freguesia se retrai de adquirir o leite de tal procedência. Acrescenta que não obstante o desvelo mostrado pelas piedosas irmãs de caridade na direção da colônia, a vigilância para evitar a repetição de tais fatos não tem sido bastante eficiente; além disso, sabe-se que aos leprosos asilados só é servida uma refeição diária. Aliás, seria uma impiedade censurar os doentes pelos atos desesperados que praticam. Essa perversidade de ações é um dos efeitos a que leva o seu deplorável estado mórbido. Contudo é de esperar uma providência oportuna, como seria a construção de uma nova cerca de arame farpado alguns metros fora da existente, assim isolando completamente a colônia dos arredores (DIÁRIO DO CEARÁ, 1928: 2-3).

O discurso acima tem uma pluralidade de símbolos, de imagens, de práticas e de questões que se mostram de suma importância para nossas reflexões a respeito da análise cotidiana da vida dos leprosos, dessas

“[...] vidas anônimas que só se manifestam em choque com o poder, debatendo-se com ele, trocando com ele “palavras breves e estridentes”, antes de voltar para a noite, o que Foucault, chamava “a vida dos homens infames”, que ele mostrava que deveríamos respeitar em função de sua infelicidade, sua raiva ou sua incerta loucura [...]” (DELEUZE, 1988: 102).

Através dos lampejos de luz sobre essas vidas ínfimas, pudemos vislumbrar, mesmo num sofrimento existencial extremo, as brechas que elas tentaram abrir no espaço social; praticando, portanto, uma micropolítica existencial e dessa maneira escoando-se pelos interstícios do poder. Suas resistências, suas artimanhas podiam, em muitos casos, utilizar-se do próprio sistema de interpretação que lhes condenava à determinadas classificações (como letalmente contagiosos) e através das imagens e dos símbolos pelos quais eram encarados, poderiam fazer micro atentados as tentativas de ordenamento, classificação e aos anseios civilizatórios de um Fortaleza pretensamente moderna. Da mesma forma, aqueles sujeitos que foram isolados (no leprosário) utilizavam a imagem de serem um infestante em estado puro – acreditando ou não nessa imagem – e tentavam, por isso mesmo, provocar medo, terror aqueles que lhes condenaram ao martírio da clausura (escoando por suas fendas). E mais, eles sobreviviam, dentro do possível, através de seus movimentos, de suas astúcias, de suas práticas, desestabilizando aquela configuração instantânea de posições, aquele lugar projetado (o leprosário); transformando esta paisagem homogênea e isótropa – o espaço geométrico-arquitetado pelas relações de poder, em um espaço que fosse existencial, um espaço antropológico e, por conseguinte, passível de resistência.

No período da campanha pró-leprosário, os lázaros mendigos, vivendo ao relento na urbe, também resistiam (através de sua errância no meio urbano) à estigmatização e a marginalização infligidas pela sociedade, mesmo que, muitas vezes, esse distanciamento oriundo do medo e de uma pretensa medida de segurança fosse envolto por certa piedade. Os periódicos de plantão denunciavam, como de praxe, com um tom dramático, os focos de contágio aberto (representados pelos lázaros) na paisagem urbana de Fortaleza. Mas que poderíamos encará-los como uma forma de resistir ao martírio das posturas de não-contato dos considerados sãos. Assim denunciava um periódico:

É verdadeiramente aterrador o alastramento da morfêia em nosso meio e mais temível ainda a atitude tomada ultimamente por alguns daqueles infelizes de contaminar o mais possível nossa população. Dia atrás, os jornais noticiaram o fato de um menino leproso se haver abraçado com um aluno do Liceu e tentando inocular o perigoso morbos também numa criança. Pois esse mesmo leproso fez, na presença do próprio estudante com que se abraçara, o abominável juramento de por todos os meios contagiar aos que passassem ao alcance da sua mão. E assim o fez. Outro dia cuspiu no rosto de um rapaz que, humanitariamente lhe fora dar esmola e pegou na perna de uma moça, procurando comunicar-lhe a terrível doença. Estes fatos são um atestado de que não há mais segurança em nossa cidade, enquanto não forem isolados todos os morféticos [...] (O NORDESTE, 1927: 4)

Esse episódio ocorrido, em Fortaleza, como prática, lembra algumas ações de leprosos (EIDT, 2004: 82-83), em São Paulo, que; no entanto, simbolicamente possuía dimensões outras. O sentido de atacar os sãos na terra da garoa possuía um caráter mais de redenção, do que simplesmente de resistir as posturas de não contato, de distanciamento e evitamento impostas aos lázaros, pois tal ato simbólico estava investido de uma esperança de cura. Esta obedecia a um ritual muito preciso: o indivíduo que era portador do mal de Hansen, ao transmiti-la a sete pessoas, por via, do contato direto, estaria livre do sofrimento e do martírio da lepra. Ancorados nessa crença, foi que determinados leprosos invadiram uma cidade ao Norte do Estado de São Paulo, no intuito de transmitir o seu bacilo a população sadia. Porém a ação fracassara ante a reação popular pela via das armas de fogo. Tal episódio deixou alguns leprosos mortos. Os que escaparam, ao encontrar uma criança na estrada teriam violentamente a atacado a mordidas, com a finalidade de alcançarem o seu propósito. Em outro episódio, o doente fingia-se de morto na beira das estradas, e os viajantes que tentassem lhes prestar socorro eram atacados. Em outros casos muitas leprosas prostituíam-se, a fim de, com tal ato, obterem sua cura.

É importante também salientar a heterogeneidade das reações dos leprosos ante a clausura do isolamento em Cannafistula. Embora houvesse aquele habitante mais obediente, mais disciplinado; existisse também outros que resistiam nas fronteiras do leprosário, provocando terror à vizinhança, mas que retornavam novamente ao leprosário; e alguns tomados de atitudes desesperadas, em virtude da sua condição e da situação difícil (financeiramente) pela qual passava aquela instituição; havia outros habitantes que adotavam estratégias mais radicais. Como denunciava um vigilante anônimo do cotidiano, no periódico abaixo:

[...] Aqui não possuímos ainda um estabelecimento em condições satisfatórias. Existe, porém, o Leprosário de Cannafistula, que apesar de deficiente, serve para o fim prático do isolamento. Antigamente os pobres lazarentos necessitavam de esmolar a caridade pública [...] hoje, porém, Cannafistula ofereceu-lhe abrigo. Não tem mais o direito de entrar em contato com os sãos, expondo-os ao perigo de adquirirem a martirizante e horrorosa enfermidade. Denuncia o missivista que os leprosos fogem de Cannafistula. Procuram esconder-se para não serem asilados. Se Cannafistula os degosta, é lamentável. Toda via, compete à polícia constrangê-los ao asilamento. É um crime consentir que os lazarentos continuem a perambulam pelas ruas. A tolerância, nesse caso não é caridade, mas pieguice enfermiça e perniciososa [...] Fica feito o apelo do bem intencionado anônimo (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1928: 3).

No fragmento acima e na consulta das fontes para realização do presente trabalho, principalmente nos periódicos, era freqüente a alusão feita aos problemas enfrentados pelo

Leprosário de Cannafístula. Problemas de manutenção, de falta de recursos mínimos de sobrevivência (como água, por exemplo), e principalmente a falta de medicamentos e de corpo médico, os quais expunham os lázaros a condições de muita dificuldade, um pouco melhores das existentes no isolamento emergencial do Morro do Croatá. Constituíam-se, assim, tal colônia muito mais em um morredouro, um depósito de sofrimentos humanos, do que mesmo em um espaço para a mitigação dessas existências; embora, algumas vezes apologéticas do lazareto insistissem na melhoria significativa e substancial de sobrevivência dos pobres leprosos em sua nova morada.

A falta de uma racionalidade gestora do Estado cearense na política em geral, e no campo da saúde em particular, tão marcante nesses anos 1920, ficava bem manifesto no fato de que as instituições mais importantes da nossa terra, como: o Instituto de Proteção à Infância, a Santa Casa de Misericórdia, os Asilos de Mendicidade, a Maternidade João Moreira, o Dispensário dos Pobres, o Patronato das Operárias, o Asilo do Bom Pastor, estarem entregues nas mãos da caridade-filantropia e da iniciativa particular. Ou seja, muitas vezes, era o próprio Estado um grande incentivador da prática e da atitude filantrópica. Nesse sentido, ele se restringia a subvencionar tais instituições. E assim, não foi muito diferente em relação ao Leprosário de Cannafístula. Mesmo depois da campanha em prol de seu surgimento, a ação filantropo-caritativa (destacando-se as doações do Industrial Antônio Diogo) foi o que prevaleceu para sua sobrevivência e precária manutenção durante muito tempo.

3. Lepra: uma doença metafórica

Considerando a lepra, nesse período, como uma categoria cultural e científica, ainda muito revestida de tabus⁷ e detentora de uma natureza simbólica, alimentada por muitas analogias, podemos concebê-la como uma doença extremamente metafórica. Mas o que seria uma doença como metáfora? (SONTAG, 1984)⁸. Isso significava que ela era uma doença na qual se sobressaía muitas analogias, uma série de fantasias em seu entorno e muito propícia a reações com uma grande força imaginária. Isso se explica em virtude de essa enfermidade na

⁷ Embora tenha havido ultimamente uma diminuição do estigma em torno da lepra, hoje chamada hanseníase; a estigmatização, a natureza simbólica e os tabus ainda prevalecem nessa doença.

⁸ Doença como metáfora é um conceito usado por Suzan Sontag no seu estudo sobre o câncer e a aids.

época ser considerada ainda intratável (terapeuticamente falando) e caprichosa, ou seja, uma doença bastante incompreendida⁹.

Se como vimos, a casa dos lázaros estava envolta por medo e piedade, símbolos e imagens e seus ecos iam para muito além de suas fronteiras; os periódicos cearenses tiveram um papel fundamental na reconfiguração, produção e difusão desse medo social em relação ao leproso. A explosão de práticas-discursivas a respeito da lepra desde o começo dos anos 1920, estendendo-se para as décadas de 1930 e 1940, tornou esses jornais como um instrumento (dentre outros, como a medicina, etc.) essencial na constituição da lepra como acontecimento no Estado do Ceará. Cotidianamente eles promoviam e elaboravam informações de rotina da lepra, constituindo-a como uma figura de grande visibilidade (destacando-se o medo, o terror), em que essa emergência de visibilidade e dizibilidade estavam contidas em modalidades de poder e de dever. Na produção diária de informações sobre a lepra tais periódicos transformavam a difusão dos dados sociais em unidades homogêneas, propiciando a estruturação de um “teatro” da lepra a partir da constituição de pequenos cenários (de uma urbe permeada pelo perigo da lepra) que buscavam dá conta daquilo de que de fato ocorria em nosso Estado. Mostrar o real da lepra que não era perceptível em virtude de sua difusão no corpo social, condensá-la a partir de suas dispersões, de suas misturas no espaço em um corpus homogêneo, que apagava suas diferenças, era uma prática em tais periódicos. Isso esclarece as escolhas arbitrárias dos dados desse dispositivo (ressaltando perspectivas do saber médico que davam margem a concepção da lepra como altamente contagiosa e dando menos ênfase a posições contrária a esta), chamado jornal, e de cada seleção, pertinente a constituição de uma história, uma maneira de narrar diferente, e que assim outros múltiplos cenários, existentes virtualmente, ficaram de fora de sua escrita da lepra.

Nesse sentido, tentando dá conta do acontecimento vivido, este caos repleto de barulho e furor como dizia Stendhal, os jornais cearenses estavam número após número elaborando, produzindo tramas, desenhos e redes de sentido, que buscava substituir o caos social de compreensão e apreensão do vivido por uma topografia nítida e discernível, através de um trabalho de coerência no espaço. Isso não quer dizer que eles estavam *tete-a-tete* ao caos do mundo, já que participava de uma cadeia de transformações que recebiam de instâncias sociais múltiplas um real já domesticado.

⁹ Ainda hoje há dificuldades básicas bem antigas de se entender a hanseníase Como o modo preciso da transmissão, suscetibilidade e da destruição dos nervos. E também várias questões no terreno epidemiológico permanecem sem respostas. Muito dessas dificuldades deve-se, atualmente, da impossibilidade do cultivo do bacilo de Hansen em laboratório (micobactéria que transmite a doença) e do insucesso de estudos com animais, já que estes são só hospedeiros, não desenvolvendo a doença.

O caráter da lepra como metáfora favoreceu a elaboração, sem dúvida nenhuma, de técnicas de medo; no entanto, o sentido de temor produzido que era levado aos leitores e ao público em geral entravam em um remanejamento de acordo com o campo mental destes e era recolocado em circulação nos ambientes culturais, sociais, políticos,, etc.

4. Considerações Finais

O Leprosário de Cannafistula foi progressivamente aumentando o número de seus habitantes (LIMA, 1988) ¹⁰. No final de 1928 possuía 64 internos, em dezembro de 1929 havia 143 e, no ano de 1931 já possuía em torno de 202 pacientes. O Estado, em 1940, no Governo de Menezes Pimentel, através do decreto-lei de março do mesmo ano, encampa o Leprosário na época com um total de 330 internos. Mesmo ano da criação do Serviço de Profilaxia da Lepra.

Essa espacialidade erguida em 1928, cujo projeto e finalidade eram de tornar-se uma barreira no combate à lepra no Estado mostrou-se ineficiente. Assim, a lepra entrou no Ceará, nos anos 1940, ainda como grave problema de Saúde Pública. E isso se refletiu na construção em 1941 de outro leprosário: o Antonio Justa, localizado na Região de Maracanaú. Esta nova casa dos lázaros provocou, também, assombros, fantasmas e muito terror em sua vizinhança.

O cunho metafórico da lepra, sua ambigüidade; transformaram-na, nos anos 1920, na marca da morte do contágio, cujo antídoto imediato era a emergência de fronteiras e identidades territoriais, umas circunstanciais, outras com a pretensa ânsia de eternidade. E foi com essa ânsia que se estabeleceram esses espaços de clausura, residência de todos os martirizados, mas também espaços de saber – os leprosários. E foi através de um recorte analítico das pessoas que a massa amorfa foi sendo individualizada; com tais estabelecimentos foi se tentando cada vez mais domesticar o leproso, assim como loucos, mendigos e meretrizes. Iniciava-se uma outra história do controle do corpo que não se restringia aos mecanismos negativos de poder, Mas funcionava como uma maquinaria positiva de poder. Com a criação dos leprosários assim como de asilos uma máquina de produção foi se estabelecendo. Estabelecimento da tentativa de controle desse excluído social, através da denominação de anormal e de sua inclusão num regime de visibilidade, de exame, de registro e de produção de individualidade.

¹⁰ Os habitantes do leprosário eram em sua maioria agricultores e pessoas de poucas posses. Exceções era a presença de alguns comerciantes e de alguns padres doentes. O leprosário funcionava como uma colônia, onde os pacientes de estado menos grave trabalhavam em carpintaria, além de trabalhos de asseio e de conforto da Instituição.

Até 1962, mesmo depois da descoberta de sua cura na década de 1940, o isolamento foi mantido e, praticado no Brasil.

Enfim o mais paradoxal de toda essa história do medo da lepra e do leproso é que a mesma figura lingüística – a metáfora - que ornamentou a vida de beleza, produzindo encanto, poesia, através da proliferação de analogias foi também o instrumento importante, uma das matérias-primas constituintes dos símbolos e imagens da lepra, que em sua ambigüidade (assim como o trato ao leproso nesse período no Ceará era ambíguo, oscilando entre a piedade e o medo) produziu monstros terríveis, escrevendo, assim, uma das páginas mais macabras e sinistras da história: a invenção dos espaços de reclusão. Que aqui especificamente se renovaram na imaginação, na execução e na emergência do cemitério dos mortos vivo, desse martírio da clausura: o leprosário.

5. Bibliografia

BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da Saúde Pública do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: brasiliense, 1988.

EIDT, Letícia Maria. *Breve história da Hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira*. In. : Saúde e Sociedade. Vol. 13, nº. 2

FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits IV (1980-1988)*. Paris: Éditions Gallimard, 1994.

LIMA, Francisco. *60 Anos em busca do Sol*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1988rTAG, Suzan. *A Doença como Metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

6. Fontes

Jornal Gazeta de Notícias (1928)

Jornal O Nordeste (1927)

Jornal Diário do Ceará (1928)

Jornal Correio do Ceará (1928)